

Caminho de SALOMÃO

ROTA PORTUGUESA NO VALE DO CÔA

O Caminho já vem longo, partiu da Cerca de Belém - Jerónimos (Lisboa), quis passar pelo Museu de Arte Antiga e pela Casa dos Bicos, atual sede da Fundação José Saramago. Foi a Constância, encontro do Zêzere com o Tejo e de Camões. Subiu depois ao Interior, até à falda da serra da Gardunha, a Castelo Novo (Fundão), terra antiga e de águas puras. Chegou ainda a Belmonte, origem dos descobridores Cabrais e de Criptojudéus. Já no vale do rio Côa, vai agora a Sortelha (Sabugal), Cidadelhe (Pinhel), até chegar a Castelo Rodrigo (Figueira de Castelo Rodrigo).

Sortelha Sabugal 'Sorte Pequena'



(1)

A tradição rural fala em "Sorticula", de pequena parcela de terreno, antes sorteados entre os habitantes daquele lugar. Outras dizem que a origem do topónimo advém do castelhano 'Sortija', que designa anel, destinado ao molde de peças ou utilizado num jogo antigo de cavaleiros.

Segundo **Viterbo** 'Sortel' é um anel de pedrarias, talvez relacionado com o anel das feiticeiras, já que abundam em Sortelha as lendas que as referem. Um anel de rubis está presente no seu brasão, mas teve antes meia lua nas suas armas, por ter fundação de Mouros. Tudo isto cabe em Sortelha.

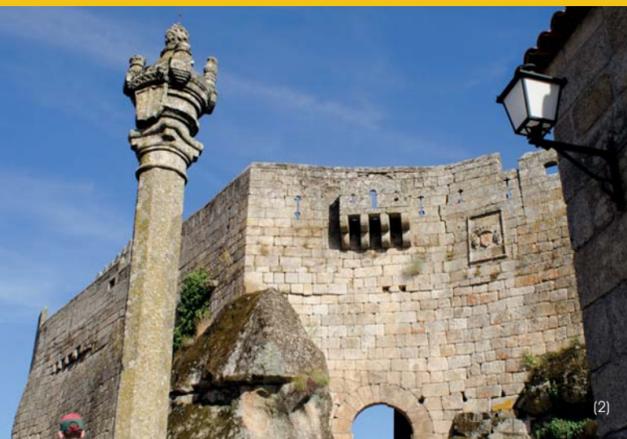
Sortelha foi edificada sobre o 'Monte Santo' como lhe chamou **D. Sancho I** no foral de 1208, e povoada com gente que chegou até de terras galegas e minhotas. Sabe-se que em 1220, o castelo⁽¹⁾ fronteiriço estava já construído para a primeira linha de defesa de Castela, até à assinatura do **Tratado de Alcanices** em 1297 por **D. Dinis**, onde perderia influência para o de Sabugal.

Mas é o **rei venturoso**, D. Manuel I, que lhe devolve importância com a restauração do castelo, um novo foral e pelourinho⁽²⁾, avivando-lhe o comércio com a fixação de famílias nobres, para em 1527, o seu sucessor, D. João III, ali formar um condado, a favor de **D. Luís da Silveira**, célebre poeta do reino, incluído no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende.

A aldeia de Sortelha é uma verdadeira almedina, embora a localidade tenha avançado para aquilo que o povo chama de arrabalde, "extramuros". No entrar e sair de portas, a **Falsa**, espregia uma 'velhinha de pedra' com a cabeça no lugar há séculos. Já a **Nova**, aquilo que foi provavelmente

Esse é o grande equívoco do céu, como a ele nada é impossível, imagina que os homens, feitos, segundo se diz, à imagem e semelhança do seu poderoso inquilino, gozam do mesmo privilégio.

A VIAGEM DO ELEFANTE



(2)

um hospício, e que funcionou como **Hospital da Misericórdia** a partir, pelo menos, do século XVI. Mais adiante, ainda fora das muralhas, encontram-se as ruínas do que foi uma Igreja da Misericórdia da mesma época, apelidada de Santa Rita.

A almedina que é Sortelha também tem uma rua Direita, que liga as duas portas principais, com casas senhoriais, quinhentistas, como a do governador, ocupada em tempos por quem administrava a Câmara de Sortelha, ou a residência paroquial destinada à habitação dos sacerdotes, marcada com a **Cruz de Malta**, símbolo do guerreiro cristão.

A rua Direita também alberga a sua Igreja Matriz, dedicada à Senhora das Neves, pertencente à **Comenda da Ordem de Cristo**, que conserva uma arquitetura de estilo renascentista resultado dos restauros de 1573.

O **Largo do Pelourinho**, um dos mais interessantes erigidos sob a tutela do rei venturoso, bem como a antiga **Casa da Câmara** e cadeia, é símbolo do poder administrativo outorgado pelo rei **D. Manuel I**. Ali se pode observar o brasão real com o escudo e a esfera armilar manuelina.

Existe uma casa de construção tipicamente beirã, do séc. XVI, hoje transformada em Turismo de Habitação, inspirada numa história tradicional de Sortelha:

A história contada do Vento que Soa, lembra que um pai, à beira da morte, proferiu ao seu filho as seguintes palavras:

«Se tiveres um segredo, que não queiras ver espalhado pelo vento que soa, não o contes a ninguém. Nem a tua mulher, nem ao teu maior amigo. Guarda-o, porque um verdadeiro segredo guarda-se no coração...»

O que dá carácter medieval a este aglomerado é a enormidade das muralhas que o rodeiam, a espessura delas, e também a dureza da calçada, as ruas íngremes, e, empoleirada sobre pedras gigantescas, a cidadela, último refúgio de sitiados, derradeira e talvez inútil esperança. Se alguém venceu os ciclópicas muralhas de fora, não há-de ter sido rendido por este castelinho que parece de brincar.

José Saramago

In Viagem a Portugal - 1ª edição 1981.

Cidadelhe Pinhel 'Calcanhar do Mundo'



(4)

Muito pouco se sabe sobre a origem desta povoação, no extremo norte do concelho de **Pinhel**, apelidada de **"Calcanhar do Mundo"** por um companheiro da Viagem a Portugal de Saramago. Existe, no entanto, nas imediações da atual aldeia, debruçado sobre o vale inóspito e esmagador do rio Côa⁽⁴⁾, um castro que teve muralha e que foi habitado desde a idade do Bronze.

Segundo crónicas antigas, estampadas depois por **Alexandre Herculano**, a chamada Batalha de Pinhel ou a **Batalha de Ervas Tenras**, que opôs várias fações da fidalguia da região, ocorreu por volta de 1199, sendo já Pinhel o centro de um vasto sistema de fortificações, região defendida por uma coroa de pequenos castelos e castros antigos, entre os quais, o castro de Cidadelhe.

Sabemos que foi sede de concelho pertencente ao **Bispado de Lamego**, teve tribunal, cadeia, farmácia e escola, provavelmente até 1535, ano em que é criada a Comarca de Pinhel com o desmembramento da grande Comarca da Beira, originado após as conclusões de um estudo mandado fazer por **D. João III** - Cadastro da População do Reino - editado em 1527, e que permitiu o estabelecimento de novas comarcas.

É, portanto, bem antiga a sua ocupação mas também o seu nome que, para os seus mais antigos populares, advém de 'Cidadaque' ou meia cidade. Cidadelhe é o mesmo que



(5)

cidadelha, cidade pequena ou pouco importante, ainda assim bem mais importante do que um simples lugar ou aldeia. Dedicada a **Santo Amaro**, a sua **Igreja Matriz**⁽⁵⁾ de arquitetura chã, mais próxima da época seiscentista, deslumbra pelo seu teto, em caixotões, exibindo um vasto conjunto de pintura com a história dos santos da igreja católica, pinturas que, para alguns, são da época quinhentista.

Uma parede que proteja da nortada, um telhado que defenda da chuva e do sereno, e pouco mais é preciso para viver no maior conforto do mundo. Ou nas delícias do paraíso

A VIAGEM DO ELEFANTE

Percorrendo o núcleo antigo, são as padieiras insculpidas ou com baixos-relevos decorativos, que nos fazem notar uma ave pousada sobre uma cabeça de anjo alada, entre dois animais que podem ser quaisquer de quatro patas, e outra com uma árvore cobrindo dois castelos quicá os de Pinhel. De de volta ao povo de cima, junto ao cruzeiro, vale a pena visitar a **Capela de São Sebastião**, os seus caixotões, e a figura do seu santo, curioso nas proporções.

São ainda lugares de interesse, rumo ao "Castelo dos Mouros" ou castro de Cidadelhe, o **Poio do Gato**, através de um raro bosque mediterrâneo que se precipita no vale do rio Côa, num itinerário de silêncio, hoje assinalado como **Grande Rota do Vale do Côa**, e quicá uma visita marcada até ao núcleo de **Arte Rupestre da Faia**.

Cidadelhe é, pois, um sítio de patrimónios, uma terra feita de pedra e cheia de muitos mistérios. O primeiro dos quais é o seu "pálio"⁽⁶⁾ valioso datado de 1707, de veludo carmesim todo bordado a ouro, prata e seda, ornamento de precis-

sões e glória de Cidadelhe. Trata-se de um belo tesouro, um baldaquino profissional guardado e defendido secretamente algures por um cidadão numa casa da aldeia.

Outro mistério, é o 'Cidadão' de Cidadelhe, figura esculpida na pedra do arco do campanário, que foi em tempos alvo de roubo e cobiça entre o povo de baixo e o povo de cima. A figura do cidadão era levada ora para cima ora para baixo, até permanecer no seu atual lugar, junto à igreja matriz, com uma inscrição na sua pedra oposta que de 1646.

O pálio (sabia-o já o viajante e teve confirmação pela boca do seu companheiro) é a glória de Cidadelhe. Ir a Cidadelhe e não ver o pálio, seria o mesmo que ir a Roma e não ver o papa. O viajante já foi a Roma, não viu o papa e não se importou com isso. Mas está a importar-se muito em Cidadelhe. Porém, o que não tem remédio, remediado foi. Coração ao alto.

José Saramago

In Viagem a Portugal - 1ª edição 1981.

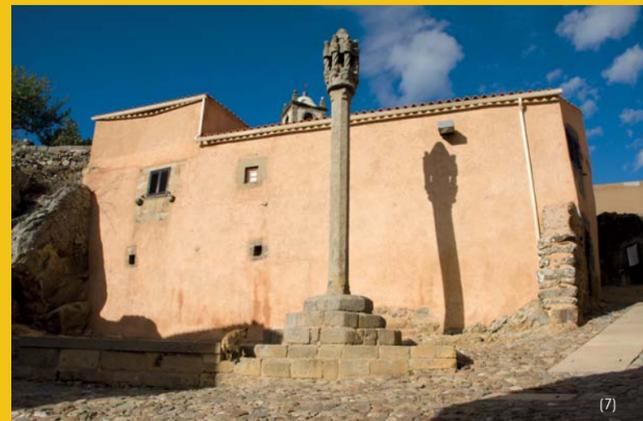
Castelo Rodrigo Figueira 'Terras de Aguiar'



O nome de Castelo Rodrigo estará ligado ao mesmo Rodrigo Gonzáles Girón, que em 1100 remodelou a antiga cidade romana de **Cidade Rodrigo**, ainda que persista a dúvida da sua relação com o nome do conde Rodrigo Martim, senhor da **Terra de Aguiar**, referenciado numa escritura de 1129.

O local foi supostamente fundado pelos **Túrdulos**. Terá sido castro romano, já que por aqui passava uma importante **estrada romana**, que ligava comercialmente Salamanca ao alto distrito de Bragança. Já na época visigótica, terá pertencido à diocese de **Calabria**, sediada junto ao Douro. Teve ocupação árabe, que deixou vestígios, como o arco de feradura da **Cisterna** da vila, foi intensamente disputada pelos reconquistadores cristãos e repovoada a partir do séc. XII, por **D. Fernando II de Leão** e **D. Afonso Henriques** de Portugal, e onde tiveram papel importante a Ordem de **São Julião do Pereiro** criada aqui nessa altura.

Castelo Rodrigo foi o primeiro dos concelhos de Riba-côa, fundado ainda por Fernando II de Leão, e definitivamente povoado e fortificado de "cidadela com castelo e recinto torneado" já pelo seu filho **Afonso IX**, em 1209, ano em que lhe é atribuído o primeiro foral de Riba-Côa. Foi ainda do tempo deste rei a criação da **Irmandade de Riba-Côa**, que procurava minimizar os conflitos regionais entre a nobreza e o clero. Esta Irmandade, foi mais tarde adaptada por **D. Dinis**, quando Riba-Côa se tornou portuguesa, tornando-se a primeira associação de municípios portugueses ou a organização mais antiga de Portugal.



(7)

Com o **Tratado de Alcanices**, em 1297, Castelo Rodrigo passa definitivamente para o domínio português. **D. Dinis**, confirma-lhe os foros, e reforma também ele a fortificação, com uma nova torre de menagem, cerca amuralhada e torreões.

Quando, de cabeça levantada, voltamos para casa, poderemos ter a certeza de que este dia será recordado para todo o sempre, de cada um de nós se há-de dizer enquanto houver português, Ele esteve em figueira de castelo rodrigo.

A VIAGEM DO ELEFANTE

Após a morte de **D. Fernando**, o rei Formoso, instalada uma crise política, Castelo Rodrigo toma o lado do rei de Castela, ao ponto de **Álvaro Gil Cabral**, seu alcaide, recusar receber o Mestre de Avis, que passava então pela zona. Subindo ao trono, o mestre, **D. João I**, acabaria por punir a vila, encerrando a sua feira e mandando inverter o seu brasão.

D. Manuel I concedeu, em 1508, um foral Novo ao concelho, tornando o município mais dependente do poder real. É desta época o seu belo **pelourinho manuelino**⁽⁷⁾. Ainda no tempo do **rei venturoso**, em 1520, uma nota curiosa atesta a importância comercial de Castelo Rodrigo, que tinha o monopólio do fabrico e venda de **sabão** em quase toda a Riba-Côa.

Sabemos que em 1527, no reinado de **D. João III**, com o seu Cadastro do Reino, primeiro censo da população elaborado em Portugal, a vila era a mais populosa de Riba-Côa, com 2.097 moradores, e por alturas da viagem do nosso elefante Salomão, em 1551, Castelo Rodrigo tinha como alcaide-mor **D. Vasco da Silveira**.

Castelo Rodrigo foi, durante a idade média, zona de passagem na **Rota da Estrada Real** entre Madrid e Lisboa e, há pelo menos mil anos, itinerário dos peregrinos que demandam a **Santiago de Compostela**. O Caminho natural para Valladolid segue assim pelo **Mosteiro de Santa Maria de Aguiar** - ali repousou Saramago, - e pelo Cruzeiro do Roquilho, em Almofala, na direção da atual fronteira do 'Reino', por Escarigo...

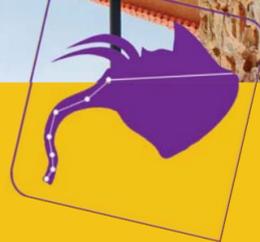
Em Castelo Rodrigo, as ruas estão limpas e transitáveis, foram recuperadas as fachadas e os interiores, e, sobretudo, desapareceu a tristeza de um fim que parecia anunciado. Há que contar com as aldeias históricas, elas estão vivas. Eis a lição desta viagem.

José Saramago

In Diário da Viagem - Caminho de Salomão - 2009.

VALE DO CÔA

um vale de patrimónios

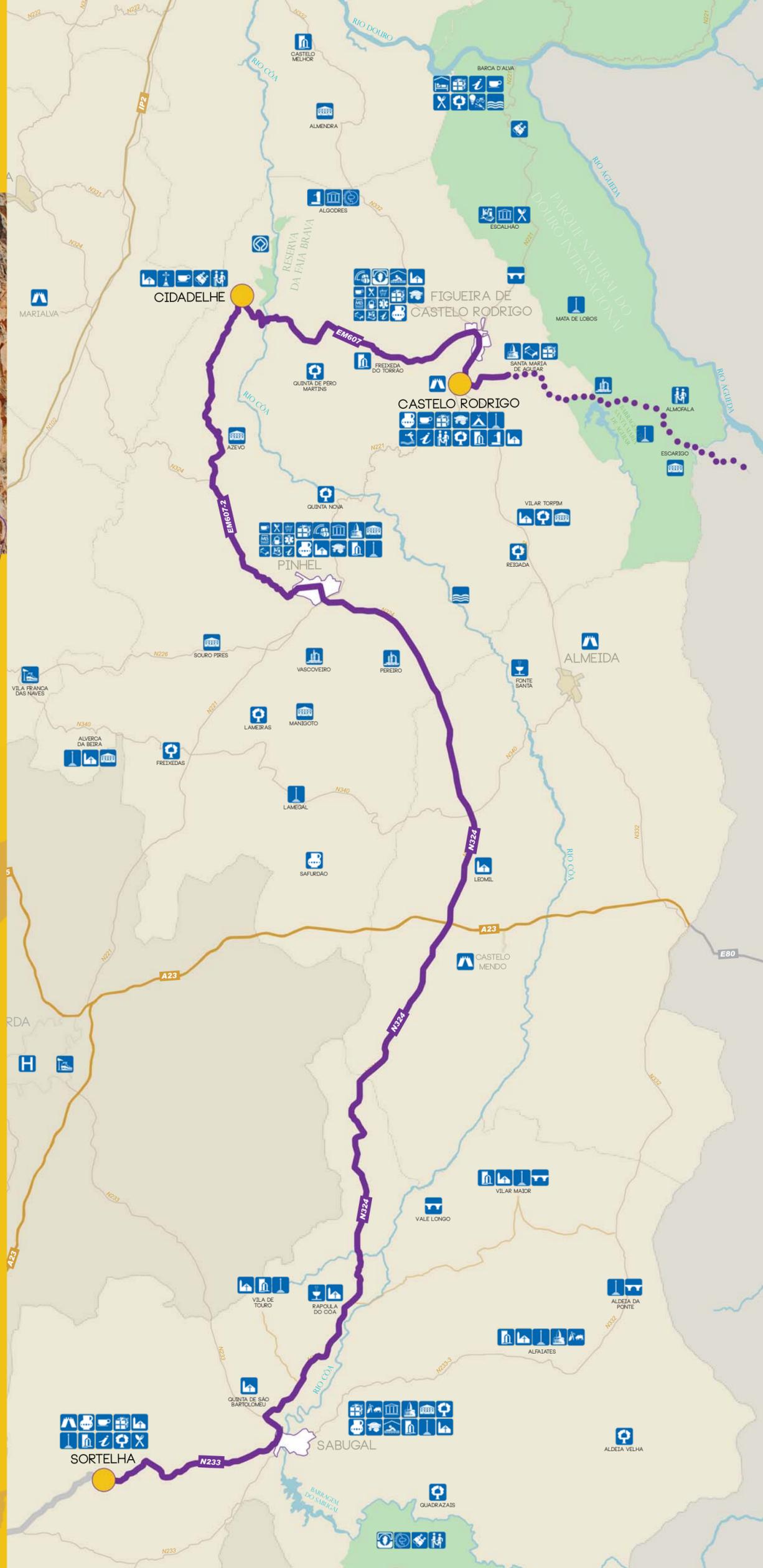


Caminho de SALOMÃO

ROTA PORTUGUESA NO VALE DO CÔA

Caminho de SALOMÃO

ROTA PORTUGUESA NO VALE DO CÔA



Rota Portuguesa Portuguese Route

Existiu, no século XVI, um paquiderme indiano que caminhou de Lisboa a Viena, para ser oferecido pelo rei D. João III ao arquiduque da Áustria Maximiliano II (seu primo), cuja história foi contada em 2008 pelo Nobel José Saramago, em "A Viagem do Elefante", uma metáfora da vida humana.

Já no ano de 2009, José Saramago quis marcar com Pilar del Rio novos apeadeiros entre os dois pontos da viagem portuguesa que escrevera, um ano antes, para o elefante Salomão. "Então vamos lá a esta viagem a Portugal", disse Saramago ao iniciar a viagem com os amigos de Salomão, e que para o Nobel seria "também uma viagem interior, pela literatura e pela memória.", talvez, pressentindo ser a sua última, por Portugal, e a partir da qual se gerou definitivamente um novo itinerário.

Nascido o Caminho de Salomão, se os seus leitores encontrarem nele razões para redescobrirem outras épocas, nomeadamente a quinhentista, também os sabores, memórias, mitos, lendas e tradições locais, outros criadores artísticos, perguntarem pelas Aldeias Históricas de Portugal, ou pelos caminhos portugueses para Santiago de Compostela, então, ele cumprirá a sua função.

Uma parte desse caminho, na região do Vale do Côa, indica-se nestas páginas, mas o verdadeiro caminho é seu.

In the sixteenth century there was an Indian pachyderm who walked from Lisbon to Vienna, to be offered to the Archduke Maximilian II of Austria by his cousin King John III, whose history was told by Nobel Prize winner José Saramago in "The Elephant's Journey" (2008), a metaphor of human life.

In 2009, José Saramago, wanted to mark with Pilar del Rio further halts between the two points of the Portuguese voyage he had written a year earlier to the elephant Solomon. "So come on to this journey to Portugal," said Saramago to the friends of Solomon when the journey began, which was also, for the Nobel Prize winner, "an inner journey, above literature and memory." Perhaps foreseeing it to be his last by Portugal, and from which, definitely, a new itinerary was created.

Born the "Caminho de Salomão", if the readers find reasons to rediscover in it other periods, namely the sixteenth century, as well the flavors, memories, myths, legends and local traditions, other creative artists, or ask for Historic Villages of Portugal or the portuguese paths to Santiago de Compostela, then it will fulfill his function.

You can find a part of the path, in the Coa Valley region, but the real journey is made by you.

REFERÊNCIAS & CONTACTOS

- | | | | |
|--|--|--|--|
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

Medalha comemorativa do elefante Salomão e do trafadador, de Michael Minck, Wasseburg, 1554.



...na Internet

- www.ocaminhodesalomao.com
- www.josesaramago.org
- www.cm-sabugal.pt
- www.cm-pinhel.pt
- www.cm-fcr.pt
- www.valedocoa.pt

SEMPRE CHEGAMOS AO SÍTIO AONDE NOS ESPERAM.
O LIVRO DOS ITINERÁRIOS
A VIAGEM DO ELEFANTE

Edição 2012 © TERRITÓRIOS DO CÔA

Conceção, fotografia, mapa e grafismo
Daniel Saraiva Gil
comincidênciaspuras